

Milton Nascimento, Sertão Das

Vem e me abraça me leva
Pra beira do igarapé,
Mapas escorrem das mãos
Que vão me fazer café.
A vida começa agora,
Ilhas de mel, só rios de mel,
Remansos e correnteza.

Sertão das águas,
O amor quando quer bater e valer,
Inunda os dias de sol,
Pode chover se quiser.

L no sertão, quando vem a noite chover estrelas,
Pingos de luz, só gotas de luz,
Teus olhos na corredeira,
Sertão veredas do Gro-Par.

Sertão canoa das populações ribeirinhas
Que vivem dos frutos da mata
É que não podem a floresta ver destruída.
Não venha o fogo queimar,
Nem trator correr, arrastar
Pra que a vida queira pulsar e correr.

Rede que embala o amor
É lambuzada de tamba-taj,
Lábios com fino licor,
Sede de se lambuzar.
O meu pensamento voa,
Chega primeiro a minha voz,
Cai nos meus braços,
Aperta os lábios, desfaz os nós.

O grito dessas pessoas
No fundo dos seringais,
Devia ser escutado
Em Belém e Manaus.

Corre nas veias remar e seguir a viagem,
Viver só; carece coragem;
Esperança que a paz
Reine na floresta.
Não venha o fogo queimar,
Nem trator correr, arrastar,
Pra que a vida queira pulsar e correr.

Sertão das águas,
O amor quando quer bater e valer,
Inunda os dias de sol
E pode chover se quiser.
O meu pensamento vai,
Chega primeiro a minha voz,
Cai nos meus braços,
Aperta os lábios, desfaz os nós.

O grito dessas pessoas
Dos fundos dos seringais,
Precisa ser escutado
Em Belém e Manaus.